

## OS ADVÉRBIOS SENTENCIAIS E OS TESTES SINTÁTICOS

Gilvan Müller de Oliveira\*

É relativamente recente a idéia de que os advérbios podem atuar em diferentes níveis sintáticos, dos constituintes ao discurso. Essa idéia, tal qual foi defendida por Castilho e por Ilari e outros modifica profundamente a idéia que tínhamos das funções adverbiais até então, restritas à modificação de constituintes de diversas classes gramaticais (verbo, adjetivo, advérbio...) ou, no máximo, reconhecendo o caráter sentencial de alguns advérbios, como veremos a seguir.

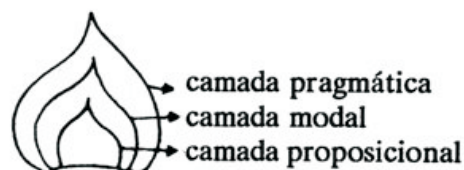
Ilari e outros demonstram a existência de advérbios de sentença, de tópico (etc.) e de discurso, além daqueles atuantes sobre os constituintes, propondo a necessidade de dois tipos diferentes de gramática para dar conta desta heterogênea classe gramatical: uma *gramática da conexão*, de caráter estrutural, que estude “*as expressões do ponto de vista da sua constituição morfo-sintática e da sua conexão*” e uma gramática da coesão, que “*define e organiza unidades relevantes para a compreensão do fluxo de informações e da coesão textual*”.<sup>1</sup> Formulando essas afirmações de outra maneira, propõem o seguinte quadro:

	gramática da conexão	gramática da coesão
âmbito inferior à sentença	Adv. de Const.	Adv. de Tópico
âmbito superior à sentença	Adv. Sentenciais	Adv. de Discurso

\* Professor do Departamento de Linguística da UNICAMP.

<sup>1</sup> ILARI, R. et alii. *Considerações sobre a posição dos Advérbios*. Campinas: UNICAMP, 1989.

Castilho e Castilho<sup>2</sup> citam a “teoria da cebola” de Dascal<sup>3</sup>, segundo a qual o significado pode ser produzido em três níveis diferentes: o proposicional, o modal e o pragmático, organizados como “as camadas de uma cebola”, donde o nome da teoria. Os advérbios, como classe gramatical, estariam distribuídos por estas três diferentes camadas, isto é, expressariam significado através de três estratégias diferentes:



Na camada proposicional estariam aqueles significados que poderíamos chamar de lexicais e, como o nome diz, aqueles derivados da operação de referência e predicação. Grosso modo, esse seria o local de atuação dos advérbios de constituinte, como parte que são da oração.

Na camada modal caberiam todos aqueles significados que expressam uma valoração da proposição pelo falante. Seria o lugar, por exemplo, dos advérbios sentenciais asseverativos como “realmente” ou quase-asseverativos como “provavelmente”, em que o falante avalia o grau de verdade do enunciado.

Na camada pragmática, finalmente, estariam os significados que expressam facetas da relação entre os interlocutores de uma dada enunciação. No caso dos advérbios, talvez pudéssemos incluir nessa camada os advérbios sentenciais intersubjetivos como “sinceramente”, bem como várias (e interessantes) estratégias de uso dos advérbios sentenciais (AS) em textos de naturezas diversas (diálogos, entrevistas, alocações formais): da fala do outro e concentração de advérbios sentenciais (AS) no texto, com o objetivo de aumentar-lhe o poder de convencimento, assuntos de que tratei na última parte da minha dissertação de mestrado.<sup>4</sup>

Os AS estariam, segundo essa proposta, distribuídos pela segunda e pela terceira camadas, ou seja, teriam significados dos tipos modal e pragmáticos, conforme a categoria semântica em que são classificados ou ain-

<sup>2</sup> CASTILHO, A.T. e CASTILHO, C. *Advérbios Modalizadores*. Aix-en-Provence, mimeo, 1990.

<sup>3</sup> DASCAL, M. A reievância do mal-entendido. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 11. Campinas: UNICAMP, 1986.

<sup>4</sup> MULLER DE OLIVEIRA, Gilvan. *Satzadverbien im Gesprochenen Portugiesisch*. Konstanz (RFA): 1990, p. 90.



da conforme suas funções discursivas. Já os advérbios de tópico e discursivos, além dos advérbios que chamei de “de texto” (como “conseqüentemente”) não seriam classificados em nenhuma das camadas da cebola, pois não teriam significado deste tipo, sendo sua função admitidamente organizacional: organizariam a seqüência argumentativa do texto, constituindo-se em operadores.

O cruzamento destas duas propostas (a superposição de tipos de significado (a teoria da cebola) ao quadro sintático apresentado por Ilari e outros<sup>5</sup> serve para mostrar a “divisão do trabalho” que ocorre entre os advérbios no que diz respeito ao cumprimento de funções semânticas, ou, para formular de outra maneira, para mostrar que advérbios de mesmo escopo sintático podem produzir significados de diferentes naturezas.

Ilari e outros<sup>6</sup> apresentaram uma proposta de classificação semântica dos advérbios depois levemente modificada por Castilho e Castilho.<sup>7</sup> Nessa proposta constam os papéis semânticos que podem ser desempenhados pelos advérbios de constituinte (AC) e pelos advérbios sentenciais (AS). Os advérbios de tópico e de discurso não aparecem naturalmente em tal classificação, uma vez que, como dito, eles não têm função semântica stricto sensu. A classificação se espelha na seguinte tabela:

de função		PREDICATIVOS				NÃO-PREDICATIVOS					
		qualitativos	intensificadores	modalizadores		aspectualizadores	DE VERIFICAÇÃO			circunstanciais	
				qm	hed		atp	de re			de dicto
neg	af.	incl/excl	foc	den	afi	foc					
constituinte	nome		X			X					
	adjetivo	X	X			X	X	X	X		
	verbo	X	X			X	X	X			X
	numeral		X					X	X		
	advérbio		X			X	X	X			
te	outros					X	X	X			X
sentenciais				X	X	X	X		X		

<sup>5</sup> Op. cit.

<sup>6</sup> In CASTILHO (org.) *Gramática do Português falado*. Vol. I: A ordem. Campinas: UNICAMP, 1990.

<sup>7</sup> Op. cit.

Essas sete categorias semânticas de AS (4 categorias predicativas e 3 categorias não-predicativas) produziriam significados modais ou pragmáticos ou ambos.

### OS ADVÉRBIOS SENTENCIAIS

Na conhecida *Bibliografia dos Advérbios e Comparativos* de Conrad Sabourin<sup>8</sup>, não consta nenhuma referência a trabalhos sobre os advérbios sentenciais no Português e, embora essa bibliografia traga informações sobre muitas línguas, apenas para o inglês, francês, alemão, russo e italiano encontram-se trabalhos nesse campo. Tampouco a *Bibliografia da Língua Portuguesa do Brasil* de Dietrich<sup>9</sup> registra itens nessa área. Castilho e Castilho citam um único trabalho mais longo sobre AS que, ao que tudo indica, permanece inédito: Casteleiro (1982).

A maioria dos trabalhos disponíveis sobre os advérbios comentam a existência deste caso em umas poucas linhas, admitindo que advérbios podem ter orações como escopo e não apenas constituintes, sem, contudo, esclarecer as várias questões que se abrem com esta constatação.

Egea<sup>10</sup> afirma que o fenômeno dos AS já era conhecido desde 1897, da *Gramática de la Lengua Castellana* de Salvá<sup>11</sup>, mas que somente na segunda metade do século XX houve um mapeamento mais efetivo da sua ocorrência. Seco comenta sua existência dessa maneira:

*Además de la clase de advérbios a que venimos aludiendo por su significación, esto es, de lugar, tiempo, modo, cantidad, etc... existe un tipo de advérbio que pudiéramos llamar oracionales, por cuanto, en cierto modo, equivalen a una oración entera; pero, además, no se refieren, como los demás advérbios, a un verbo, a un adjetivo o a otro advérbio con sentido calificativo o determinativo, sino que se refieren a la oración*

<sup>8</sup> SABOURIN, Conrad. *Adverbs and Comparatives: An Analytical Bibliography. Amsterdam Studies in the Theory and History of Linguistic Science V. Library and Informations Sources in Linguistics*, John Benjamins, 1977. Vol. 2.

<sup>9</sup> DIETRICH, W. *Bibliografia da Língua Portuguesa do Brasil*. Tübingen: Günther Narr Verlag, 1983.

<sup>10</sup> EGEEA, E.R.. *Los advérbios terminados en -mente en el español contemporáneo*. Bogotá: Biblioteca de Publicaciones del Instituto Caro y Cuervo, 1979.

<sup>11</sup> SALVÁ, V. *Gramática de la Lengua Castellana: según ahora se habla*. Paris: Libreria de los S.S. Don Vicente Salvá e hijo, 3ª edición notablemente corregida y aumentada, 1837.



*entera, manifestando la apreciación subjetiva del que habla en cuanto a la realidad de lo expresado en la oración.*<sup>12</sup>

Uma parte considerável da literatura sobre o tema preocupou-se com a questão da delimitação do objeto de estudo "AS". Levando-se em conta que não havia esta perspectiva de uma atuação adverbial em vários níveis sintáticos, é compreensível que a preocupação tenha se concentrado em delimitar advérbios de constituintes daqueles do nível sentencial. O fato que se tenha admitido a existência desses advérbios arrolados dentro de uma gramática dita de coesão, diz respeito justamente à característica, que compartilham, de terem um escopo semântico *stricto sensu*, conforme o demonstrado na teoria da cebola.

Temos, na literatura do ramo, uma infinidade de testes sintáticos elaborados com o objetivo de delimitar ambas as classes e que, por duas razões distintas, perderam em importância com os últimos desenvolvimentos na área. Em primeiro lugar, porque já não se precisa "provar" a existência de AS como se precisava quando a definição de advérbio prendia-se ainda a seu sentido literal (*ad verbum*). Em segundo porque reconhece-se hoje que os testes em si não bastam para realizar as delimitações em todos os níveis, o que só pode ser feito, em última instância, com o uso da intuição do falante sobre os escopos semânticos destes advérbios. É a opinião também aceita por Tonisson:

*A large number of distinct criteria have been proposed to distinguish sentence modifiers from non-sentence modifiers. However, most criteria are of doubtful value, if one wants rigorous criteria that capture well our pretheoretical intuitions about sentence and non-sentence modifiers. Unfortunately, no mechanical tests so far presented in the literature can always adequately distinguish between sentence and non-sentence modifiers.*<sup>13</sup>

O objetivo do tratamento destes testes aqui é muito menos o de diferenciar AS de AC e muito mais o de permitir a discussão de muitas carac-

<sup>12</sup> SECO, R. *Manual de Gramática Española*. Madrid: Aguillar S.A. de Ediciones, 4ª edición, 1960.

<sup>13</sup> TONISSON, Ivar. *A formal semantic for adjectivals and Adverbials*. Stanford University, Phd Dissertation, 1976.

terísticas sintáticas dos advérbios deste segundo grupo que foram corretamente captadas e interpretadas nos testes em diversas línguas, mas especialmente no francês e no alemão. Os testes preservam, desta maneira, seu valor heurístico como instrumentos de compreensão do comportamento sintático dos modificadores sentenciais deste grupo.

Uma crítica aos testes como fatores de diferenciação é que não dão conta do fato de que o escopo de um mesmo advérbio pode ser a sentença ou o constituinte em determinados casos, conforme a interpretação semântica. No caso da língua falada, essa interpretação semântica é feita previamente e manifesta-se na produção do enunciado através dos supragsegmentos: entonação e pausa. Vejamos o seguinte exemplo:

*(153/403) realmente me interesse cada vez mais por esses filmes que eram ruins...*<sup>14</sup>

“Realmente” pode, aqui, ser lido de duas maneiras diferentes:

1) realmente (me interesse) cada vez mais por esses filmes que eram ruins... (Escopo: “me interesse”);

2) realmente (me interesse cada vez mais por esses filmes que eram ruins....) (Escopo: a sentença inteira).

Isso nos leva a reconhecer que os testes sintáticos são menos independentes da interpretação semântica ou menos mecânicos do que gostariam de admitir alguns autores.

Para fins de apresentação, classifiquei-os de “positivos” e “negativos”, conforme apontem para possibilidades ou impossibilidades sintáticas dos AS. Os negativos são, porém, mais numerosos e, de certo modo, mais interessantes, porque nos mostram os limites dos AS. À maneira da fonologia, os definem negativamente.

## TESTES POSITIVOS

### a) Um AS pode ter como escopo uma sentença negativa.

(Ou, na formulação original, “pode vir antes de uma sentença nega-

<sup>14</sup> Os números entre parênteses que precedem alguns exemplos, como este, indicam a origem destas sentenças no Corpus do Projeto NURC (Norma Regional Culta), que está publicado nas seguintes obras:

CASTILHO, A. e PRETI, D. (org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP, 1986, vol. I, e 1987 vol. II.

PRETI, D. e URBANO, H. (org.) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP, 1988, vol. III. O primeiro número indica o texto e o segundo a linha da sentença em questão.



tiva”, formulação que procurei evitar porque AS não ocorrem apenas antes, mas também dentro ou depois da sentença modificada).<sup>15</sup> Proposto por Mordrup.<sup>16</sup> Exemplos:

*(161/543) às vezes a peça não agrada tanto...*

*(137/121) porque eu não conheço... a rigor eu não conheço o museu do Ipiranga... onde eu estive quando era... talvez garoto.*

*(396/432) na nossa sociedade... não existia assim vestidos de cauda... dificilmente a não ser para casamento.*

*(18/128) não é parece que não é muito útil... não é muito:: economicamente não é muita:: vantagem...*

*(343/515) ... o povo americano não é um povo feliz... em termos de condições materiais está ótimo está está:: muito bem mas... realmente eu não sei te dizer se faz tanta diferença assim...*

Apesar da possibilidade expressa neste teste de que AS interajam com sentenças negativas, observam-se algumas restrições posicionais para alguns deles, como “dificilmente” ou “raramente”, causadas pelo funcionamento da negação em português, como podemos observar nos exemplos:

3) *Um rapaz saía com uma moça*

4) *Dificilmente um rapaz saía com uma moça*

4a) *\* Um rapaz saía com uma moça... dificilmente*

5) *Um rapaz não saía com uma moça*

6) *Dificilmente uma rapaz não saía com uma moça*

6a) *Um rapaz não saía com uma moça... dificilmente.*

Os exemplos 4 e 6a têm praticamente o mesmo significado. 6 sig-

<sup>15</sup> Em estudo preliminar mostrei que 59,3%, 23,9% e 16,4% dos AS no corpus publicado do PB culto de São Paulo, também utilizado para o presente trabalho, ocorrem, respectivamente, em posição anterior, interna e posterior à sentença (escopo).

<sup>16</sup> MORDRUP, O., Quelques remarques sur les adverbes de phrase. In: DRESSLER, W. e MEID, W. (Eds), *Proceedings of the Twelfth International Congress of Linguistics*. Vienna, Aug. 28 - Sept. 2, 1977.

nifica o contrário de 4 ou 6a. 4a, finalmente, é agramatical.

Poderíamos tratar deste caso de duas perspectivas: uma meramente sintática, comparando o desempenho desses AS com outros termos de sentido negativo e que interagem com a negação “não”, como por exemplo “nunca”. Outra perspectiva interessante consiste em verificar a extensão do escopo desses AS em diferentes posições frente à sentença.

Tomando como exemplo “nunca”, notamos ser agramatical neste dialeto do PB aqui estudado uma construção como:

7) \* *Eu nunca não vi a mãe dele.*

E aceitáveis construções como:

7a) *Eu nunca vi a mãe dele* (onde a totalidade do sentido negativo é desempenhada pelo “nunca”, que ocupa a posição sintática do “não” antes do verbo).

7b) *Eu não vi a mãe dele nunca* (onde, à semelhança de sentenças como “eu não conheço nenhum maconheiro”, há uma distribuição de termos de valor negativo antes e depois do verbo).

Exemplos como:

8) *Difícilmente (a gente não vai estar em casa),*

mostrariam que “difícilmente” se encontra fora da sentença, única possibilidade que teríamos para a concentração de duas negações em posição pré-verbal. Vale ainda observar que normalmente se diz que uma “dupla negação em português, ao contrário do que ocorre em outras línguas, não torna a sentença positiva”. É o caso de 7b, por exemplo. Essa afirmação não valerá para os casos em que ambas as “negações” não forem separadas pelo verbo, pois isso implicará que uma estará contida no escopo da outra, razão pela qual 8 pode ser expressa também como

9) *Provavelmente a gente estará em casa*

em que “provavelmente” expressa o valor quase-asserterativo contido em “difícilmente”, sem seu caráter negativo.

No que diz respeito à questão do escopo, é interessante observar a diferença entre

6) *difícilmente um rapaz não saía com uma moça e*

6a) *um rapaz não saía com uma moça... dificilmente*



que é explicitada quando marcamos com parênteses os escopos de “difícilmente” em ambas as sentenças:

6) *difícilmente (um rapaz não saía com uma moça)*

6a) *(um rapaz) não (saía com uma moça)... difícilmente.*

Enquanto que em 6 se verifica uma relação de inclusão do “não” no escopo de “difícilmente”, em 6a temos um caso de parataxe em que ambas as negações, sem abandonarem suas especificidades sintáticas, referem-se ao enunciado ou a parte dele de forma independente uma da outra. “Difícilmente”, no caso de 6a, não age sobre a negação interna à sentença, mas apenas retira-lhe o caráter absoluto. Seu escopo será idêntico àquele da sentença 4 (Difícilmente um rapaz saía com uma moça).

A agramaticalidade do exemplo 4a (\* um rapaz saía com uma moça... difícilmente), decorrente da contradição de afirmar em um enunciado e de negar em outro (interpretando AS como “sentenças sobre sentenças”) mostra, por outro lado, que essa “parataxe” a que me referi não pode se dar sem a negação na posição canônica ou, pelo menos, sem uma negação na parte inicial da sentença. A única possibilidade para uma interpretação que fizesse o exemplo de novo gramatical seria considerar “difícilmente” como um advérbio de constituinte, expressando modo, forma não aceita por todos os falantes do português e que seria equivalente a dizer:

10) *Um rapaz saía com uma moça com dificuldades*

manobra impossível de ser aplicada, por exemplo, ao AS “raramente”.

Verifica-se, através desses exemplos, que a interação com sentenças negativas propostas pelo teste de Mordrup pode apresentar restrições na posição de ocorrência dos AS ou na alteração dos sentidos transmitidos pelos enunciados, o que poderia ser mais detalhadamente analisado em outra oportunidade. No corpus analisado apareceram AS de duas categorias semânticas que sofrem este tipo de restrição: “difícilmente” (quase-asseverativo) e “raramente” (aspectualizador).

**b) Um AS pode ocorrer ante uma Cleft-Sentence.**

Proposto por Naegeli-Frutschi e Schlyter.<sup>17</sup>

<sup>17</sup> NAEGELI-FRUTSCHI, U.H., *Les Adverbes de Phrase: Leur Définition et Leur Emploi en Français Contemporain*. Zürich (CH), thèse de Doctorat, 1987.

SCHLYTER, S. *La place des adverbes en -ment en français*. Konstanz (RFA), Thèse de Doctorat, 1977.

A *Cleft-Sentence* pode ser representada da seguinte maneira: AS,

Proposição = AS, é o FOCUS que Prop.

(153/580) *curiosamente... é nesse ano... que os mineiros conseguem depois de anos de esforço... completar.. o Calvário de Dolores... ((risos)).*

(18/837) *....especialmente o gado de corte...que curiosamente é um gado que não está acostumado a ir pro estábulo...*

Ou ainda nestes exemplos:

11) *tradicionalmente é o peru que é a parte mais importante da festa...*

AS                      FOCUS                      Proposição

12) *Realmente é o Antônio que está na vez de limpar o jardim*

13) *Francamente é você que deixou de pagar a conta do telefone primeiro...*

Vejamos o comportamento de alguns AS e AC nesta posição:

14) *\* rapidamente é o Antônio que tirou dinheiro do banco*

15) *ontem foi o João que chegou atrasado*

16) *\* exatamente é o Antônio que tirou dinheiro do banco*

17) *\* principalmente é o Antônio que tirou dinheiro do banco*

18) *(?) justamente é o Antônio que tirou dinheiro do banco*

19) *\* somente é o Antônio que tirou dinheiro do banco*

20) *Estritamente é o Antônio que tem direito à herança*

21) *Infelizmente é o Antônio que tem direito à herança*

Esses dados não permitem uma interpretação fácil: alguns AS (realmente, francamente, estritamente) e alguns (exatamente, principalmente) e alguns AC (rapidamente) não o podem. Uma análise preliminar nos apontaria que os AS predicativos poderiam ocorrer nesta posição e que os não-predicativos não, o que teria que ser confirmado em um corpus maior; no caso dos AC, os de tempo ocorreriam e os de modo não. Ou seja, tal critério não poderia ser usado para diferenciar AS de AC, já que certas categorias de ambos os grupos podem ocorrer nesta posição.



## TESTES NEGATIVOS

### c - A Impossibilidade de negar um AS.

Proposto por Martin Ernst, Mordrup<sup>18</sup>, Schlyter<sup>19</sup>, Blumenthal<sup>20</sup> Castilho e Castilho<sup>21</sup>, Naegeli-Frutschi<sup>22</sup>.

Formulando de outra maneira: um AS não pode ser o focus da negação. A razão para isso seria a contradição ocasionada pela negação do seu próprio julgamento sobre a sentença, que é o que o falante estará fazendo pela negação de um AS.

Este é o critério que alcançou o maior consenso entre os lingüistas e que mais freqüentemente é citado. O corpus não contém nenhum contra-exemplo. O caso abaixo, apesar da posição do AS depois do verbo, não representa a negação do AS, mas de "bibliotecários" e se explica pela relativa liberdade posicional dos AS na sentença:

*242/55) colocar uma cadeira...que pudesse preparar...não naturalmente bibliotecários...porque para isso seria necessário uma formação universitária...*

Uma tentativa de negar AS nos leva rapidamente à agramaticalidade:

*22) \* não antigamente as igrejas eram ...ahn...mui:to cheias de imagens...*

*23) \* não evidentemente quando a gente pensa em São Paulo...e em fazer comparação...ahn..devemos lembrar daquelas cidades onde estivemos anteriormente né?*

Já os AC não apresentam problemas em sendo o foco da negação, como em

<sup>18</sup> Os autores Martin (1974), Ernst (1977), Mordrup (1976a) e, mais adiante, Sabourin e Chandoux (1977) e Blumenthal (1976) foram citados por Naegeli-Frutschi, U.H. (1987) sem indicação de fonte, em diversos momentos de sua tese. Resolvi manter a citação assim mesmo, como informação suplementar.

<sup>19</sup> Op. cit.

<sup>20</sup> BLUMENTHAL, P. Zur kommunikativen Funktion von Adverbien und Umstandsbestimmungen im Französischen. In: *Romanische Forschungen*, Bd. 87. Frankfurt, 1975, p. 295-332.

<sup>21</sup> Op. cit.

<sup>22</sup> Op.cit.

24) *Ele não veio rapidamente.*

Sentença que poderíamos transformar em 24a para tornar explícito que a negação se refere a “rapidamente”:

24a) *Ele veio, mas não rapidamente.*

As discussões do porquê da impossibilidade de se negar um AS tiveram lugar também na filosofia da linguagem, sobretudo em Frege,<sup>23</sup> mas também em Geach<sup>24</sup> e Tugendhat<sup>25</sup>. Tugendhat diferencia entre Julgamento (*Urteil*) e Conteúdo (*Inhalt*), uma dicotomia que também encontra lugar na teoria dos atos de fala de Austin com o nome *Performance* versus *Content*. Se tomarmos o exemplo:

(208/60) *felizmente conseguiu escapar e... está trabalhando.*

A sentença “conseguiu escapar e... está trabalhando” é o Conteúdo ou *Inhalt* dessa enunciação; “felizmente” é o Julgamento ou *Urteil*. Para esses autores a negação só é possível no contexto do conteúdo proposicional, ou seja, dentro da sentença (negação interna). O Julgamento ou *Urteil* não poderia ser negado, porque com isso se estaria negando o próprio ato de asseverar. Em outras palavras, se estaria negando não o conteúdo do que é afirmado, mas a própria afirmação (*Behauptung*). Nas palavras de Tugendthat:

*Se simbolizamos o momento de asseveração de “p” com o signo de asseveração de Frege “/” e o conteúdo proposicional (não nominalizado) de “p” por \*p\* nossas duas sentenças (a primeira afirmativa e a segunda negativa) terão a forma “/-\*p\*” e “/-\*não-p\*” respectivamente e não a forma “/-\*p\*” e “\*não /-\*p\*”. (...) Pode-se asseverar o contrário, mas não se pode fazer algo que seja o contrário de asseverar.<sup>26</sup>*

<sup>23</sup> FREGE, G. Negation. In: *Logical Investigations*. Oxford, 1977.

<sup>24</sup> GEACH, P. *Assertion*. In: *Logical Matters*. Berkeley: 1972.

<sup>25</sup> TUGENDHAT, E. *Vorlesungen zur Einführung in die sprachanalytische Philosophie*. Frankfurt: Suhrkamp, 1986.

<sup>26</sup> Op. cit.



Se nós comparássemos porém as sentenças:

25) *Felizmente conseguiu escapar e*

26) *Infelizmente conseguiu escapar*

poderíamos ficar com a impressão de que “infelizmente” é a negação de “felizmente”. Com isso seria impossível uma negação dos AS com a partícula “não” (e para isso poderíamos recorrer a explicações sobre a limitação sintática na utilização de “não”) mas possível com outras partículas ou prefixos de negação (parcialmente produtivos em português), como o prefixo *i-* ou *in-*, por exemplo.

Essa impressão é, no entanto, falsa. Ambos os julgamentos, “felizmente” (é bom que...) e “infelizmente” (é ruim que...) são julgamentos positivos sobre um conteúdo proposicional, como também o é um exemplo como:

27) *Eu nego que o céu seja azul*

no sentido de que a asseveração em si permanece sempre positiva, qualidade não exclusiva dos AS, mas de quaisquer termos que desempenham a função de “sentenças sobre sentenças”.

É interessante observar que há poucos casos de AS dos quais temos um par como “felizmente/infelizmente”. Podemos dizer “inegavelmente” mas não “negavelmente”; “possivelmente” mas não “impossivelmente”. Esse fato poderia fazer com que nos perguntássemos (em aceitando que se tratasse de uma negação) por que alguns julgamentos poderiam ser negados e outros não, o que, além de nos indicar um caminho para a pesquisa das relações entre os conteúdos e os julgamentos, ainda nos faria duvidar de que nesses casos teríamos realmente uma negação da asseveração: por que, se esse fosse o caso, poderiam alguns AS ser negados e outros não?

A restrita produtividade de *in-*, *i-* nesse contexto, nos leva a crer que os julgamentos envolvidos são independentes uns dos outros. De que modo explicaríamos, se não o fossem, que de alguns julgamentos temos apenas a versão negativa (“inegavelmente”) e de outros apenas a versão positiva (“raramente”)?

Resta um último argumento contrário à conclusão geral de que modificadores sentenciais não podem ser negados, para ser discutido. Poder-se-ia argumentar que a negação de um AS não se dá necessariamente com a mesma palavra ou raiz. A negação de “raramente” não seria então “ir-raramente”, mas “freqüentemente”. Isso, porém, significa o mesmo que dizer que

28) *O céu é azul.*

é a negação da sentença

29) *O céu é vermelho.*

Esse argumento é, contudo, falso, porque tanto esses casos como os seguintes

30) *raramente ele vai à missa*

31) *freqüentemente ele vai à missa*

32) *difícilmente ele vai à missa*

33) *prazerosamente ele vai à missa*

não apresentam, na relação entre si (1 com 2, 3 com 5, etc...) nenhuma ligação de necessidade, como a que caracteriza a operação lógica da negação propriamente dita em relação ao seu par positivo.

A única observação suplementar que pode ser agregada à essa discussão é que o AS apenas poderá ser negado se o for por outro locutor que aquele que o emitiu, numa situação de diálogo. Esses casos não estavam, naturalmente, previstos nas discussões da filosofia da linguagem, que dela tratam descontextualizadamente, a partir de enunciados isolados, idealtípicos. Vejamos alguns exemplos:

34) *L1 ..evidentemente você errou na hora da entrada em palco...*

*L2 evidentemente nada....não acredite no que o pessoal lhe contou...*

35) *L1 normalmente ele ia à piscina e fazia ginástica...*

*L2 normalmente não...desde que ele chegou eu o vi indo uma vez à piscina e duas vezes à ginástica...*

36) *L1 atualmente o nível de ensino está vergonhoso...*

*L2 atualmente não...desde que eu me conheço por gente se diz isso...*

É interessante notar que nesses casos a negação é possível (com “não” ou “nada” funcionando como AS não predicativos verificadores “de dicto”); nega-se na verdade o conteúdo da sentença 1 do par “sentença (1) sobre sentença (2)” e portanto o próprio direito à asserção, donde se depreende o fato de que apenas o interlocutor (Locutor 2 nos exem-



plos) e não o próprio emissor do conteúdo proposicional (Locutor 1 nos exemplos) possa executar esta negação.

Fazendo uma representação mais explícita da negação no esquema “sentença sobre sentença”, teríamos os seguintes resultados:

37) (*Felizmente*) (*ele errou o tiro...*)  
Sentença 1    Sentença 2

As possibilidades de negação do falante 1 (emissor do enunciado) se restringem à negação interna à sentença 2 (“ele não errou o tiro”).

As possibilidades de negação do falante 2 (interlocutor em situação de diálogo) são duas: interna à sentença 2 (“ele não errou o tiro”) e interna à “sentença” 1 (“felizmente não”).

Fora da situação dialógica, continuará valendo a impossibilidade da negação dos AS como explicitada por Tugendhat. Essa situação está mais ou menos clara para os AS predicativos; as condições de negação dos AS não-predicativos talvez exigissem uma investigação separada, que por brevidade não realizo aqui.

#### e) A impossibilidade da construção “Prop. und zwar AS”

Proposta para a língua alemã por Schlytr<sup>27</sup>, Sabourin e Chandoux<sup>28</sup>, que em português poderia ser representada por uma coordenação, como nos exemplos:

(251/380) ...antigamente era mais parte da geografia  
isso...

\* era mais parte da geografia isso e antigamente

(405/110) ...basicamente eu preciso comer...e eu pre-  
ciso me defender dos animais...

\* eu preciso comer...eu eu preciso me defender dos ani-  
mais e basicamente

Já os AC admitem tal construção:

38) *Eu preciso comer...e eu preciso me defender dos  
animais e eficazmente...*

<sup>27</sup> Op. cit.

<sup>28</sup> Citados na tese de Naegeli-Frustschi de 1987.

39) *eu preciso comer...e eu preciso me defender dos animais e rapidamente...*

40) *eu preciso comer...e eu preciso me defender dos animais e hoje....*

41) *eu quero comer e bem...*

A coordenação seria incompatível com o tipo de relação estabelecido no esquema “sentença sobre sentença”, mas pode funcionar como estratégia focalizadora de componentes internos à sentença. Confirma-se, assim, a aplicação desse critério para a diferenciação sintática entre AS e AC.

**f) A impossibilidade de se responder com um AS a uma pergunta iniciada por “onde”, “como” e “quando”**

Proposto por Mordrup e Schlyter<sup>29</sup>.

Servir como resposta à perguntas desse tipo seria de exclusividade dos AC classificados como “de lugar”, “de modo” e “de tempo”.

É interessante observar, porém, que AS como “às vezes”, “atualmente”, “raramente”, “esporadicamente” etc..., da categoria semântica dos aspectualizadores, à parte do seu componente aspectual, encerram também um aspecto temporal, o que faz com que seu desempenho em resposta a perguntas desse tipo apresentem resultados variados:

*(343/1590) atualmente pouca gente sabe que::...eh::...em termos de segunda gue::rra...*

*6(62/98) ... agora qualquer:: cronologicamente o que é que você faz?*

*(333/333) esporadicamente há concertos de grandes orquestras...mas aqui nós não temos os concertos para a juventude da Globo?*

*(225/27) raramente eu passo mais de quarenta e oito horas nos locais em que::viajo...por onde passo...*

Transformando estes exemplos em perguntas, temos:

---

<sup>29</sup> Op. cit.



- 42) *Quando pouca gente sabe? \* Atualmente*
- 43) *Quando você faz? \* Cronologicamente*
- 44) *Quando há concertos das grandes orquestras? Esporadicamente*
- 45) *Quando você passa mais de quarenta e oito horas lá? \* Raramente.*

Aqui eu argumentaria que “esporadicamente”, neste caso, não é um AS, mas um AC. O único argumento contra a aplicação desse teste para individualizar AS de AC é que ele excluirá, além dos AS, ainda algumas categorias de AC, como os não-predicativos e até os intensificadores.

**g) A impossibilidade de um AS agir sobre uma ordem (ou sentença imperativa)**

Proposto por Ernst, Schlyte.<sup>30</sup>

Nem Naegeli-Frutschli aceita esse teste para o francês, “*les resultats étant assez vagues et peu importants pour nous, car tous les adverbes de phrase n’y suffisent pas*”.<sup>31</sup>

Não encontrei no corpus nenhum exemplo de interação entre AS e imperativo; a própria natureza dos dados dificilmente permitiria o uso de imperativo, a não ser como citação. Não é muito difícil, porém, construir alguns exemplos nesse sentido:

- 46) *Realmente... vá à casa do Zé e peça desculpas (AS)*
- 47) *Sinceramente... faça o que eu estou lhe dizendo... (A)*
- 48) *Preferencialmente traga o armário na quarta-feira (AS)*
- 49) *\* Evidentemente não deixe de fazer as compras hoje*
- 50) *\* Teoricamente estude mais (AS ou AC)*
- 51) *Amanhã telefone para o gerente da firma (AC).*

**h) A impossibilidade de um AS vir antes de uma interrogação**

Proposto por Naegeli-Freutschli.<sup>32</sup>

<sup>30</sup> Op. cit.

<sup>31</sup> Op. cit. p. 108.

<sup>32</sup> Op. cit.

Encontrei no corpus três exemplos de (AS, Prop?):

343/1616) *..antigamente você conseguia fazer um troço desse tipo?*

343/1224) *...e atualmente você tem o quê?*

242/354) *Como é...a::religião católica...em termos gerais?*

Outros exemplos de “perguntas” nos textos não passam de “question-tags” que remeteriam apenas, por anáfora, a conteúdos proposicionais não interrogativos. Com alguns advérbios como “realmente”, por exemplo, torna-se quase impossível seu uso como AS; quando aparecem, tem que ser necessariamente interpretados como modalizadores do verbo, já que não poderão asseverar um conteúdo proposicional, inexistente, em sentido estrito, numa interrogação. Esses problemas invalidariam também esse critério.

**i) A impossibilidade de que um AS venha a ser o foco de uma pergunta, ou, expresso de outra maneira AS, Prop = é o AS que Prop?**

Proposto por Ernst, Mordrup, Schlyter, Blumenthal, Naegeli-Frutschi.<sup>33</sup>

Esse comportamento se explica pela mesma razão pela qual um AS não pode ser o foco de uma *cleft-sentence*: a focalização (que é a função primordial da *cleft-sentence*) é sempre de um elemento interno ao enunciado e o AS se encontra fora desse enunciado, não podendo, portanto, ser focalizado. O critério será, assim, válido.

52) *\* é realmente que vocês ainda não conseguiram?*

53) *\* é dificilmente que ele passou na prova?*

54) *\* é justamente que ele criou galinhas dois anos?*

**j) Toda a sentença com um AS implica na mesma sentença sem o AS, ou: AS, Prop = Prop.**

<sup>33</sup> Ver nota 18.



Proposto por Schlyter<sup>34</sup>, Bellert<sup>35</sup>.

Não é difícil mostrar que esse critério não pode ser aplicado para todas as categorias de AS. Com os assertivos e afetivos, por exemplo, corresponderá de fato à sentença com o AS àquela sem o AS, como em

*250/180) ... Realmente a causa se arrastou durante quatro anos...*

*= a causa se arrastou durante quatro anos*

*(255/570) obviamente a aquela porção... que busca... uma melhor qualificação dos programas acaba se frustrando...*

*= aquela porção... que busca uma melhor qualificação dos programas acaba se frustrando...*

Já com o uso de AS de outras categorias, teremos uma alteração no conteúdo da sentença:

*360/1474) geralmente não é pequeno esse período*  
dif. de “*não é pequeno esse período*”

*(343/576) é eu às vezes me preocupo com... digamos com a média...*

dif. de “*é eu me preocupo com... digamos com a média...*”

*(124/353) possivelmente eu me entendo com um francês.*  
dif. de “*eu me entendo com um francês*”.

A impossibilidade de se ter AS, Prop=Prop deve-se à definição mesma desses advérbios: se os delimitadores são os advérbios que estabelecem as condições ou limites nas/nos quais a proposição é verdadeira, o que pode ser verdadeiro nesses limites pode não ser fora deles. Teremos, portanto, uma sensível alteração de significado. O mesmo vale para os aspectualizadores (“geralmente”, “esporadicamente” etc...).

Resumindo os testes propostos chegaríamos à seguinte lista:

- a - Um AS pode modificar uma oração negativa.
- b - Um AS pode modificar uma *Cleft-Sentence*.
- c - É impossível a negação de um AS.
- d - Um AS não pode ser o foco de uma *Cleft-Sentence* (“é AS que...)

<sup>34</sup> Op. cit.

<sup>35</sup> BELLERT, I. On semantic and distributional properties of sentential adverbs. In: *Linguistic Inquiry*, vol. 8, number 2, Spring 1977, p. 337-351.

e - É impossível estabelecer uma relação de coordenação entre a proposição e o AS.

f - É impossível responder à perguntas introduzidas por “onde”, “quando” e “como” com um AS.

g - É impossível que um AS modifique uma sentença imperativa.

h - É impossível que um AS venha antes de uma pergunta.

i - É impossível que um AS seja o foco de uma pergunta.

j - Toda sentença com AS implica na mesma sentença sem o AS.

Pode-se dividir esses critérios em três grupos:

A) *Os falsos*, que não espelham comportamentos sintáticos dos AS ou que espelham comportamentos de apenas algumas das suas categorias semânticas: b, g, h, j.

B) *Os banais*, que espelham o comportamento dos AS, mas eventualmente também de outros advérbios (AC), não servindo portanto como critério de distinção:

C) *Os corretos*, que demonstram esses comportamentos ao mesmo tempo em que excluem advérbios de outros níveis sintáticos: c, d, e, f, i.

Objetivei, com essa resenha dos testes sintáticos apresentados originalmente na literatura especializada, discutir características da relação entre os AS e as proposições que modificam, mostrando que seu comportamento pode apresentar uma variação muito grande conforme a categoria semântica a que pertença. Nesse sentido, necessitaremos de estudos relativos a cada categoria em separado, em especial sobre os AS não-predicativos, que fogem (em não predicando *stricto sensu*) às características mais atribuídas aos advérbios e portanto mais estudadas.